ARTIGO



Augusto Rocha*

Dragar sem pesquisar: a República ainda não chegou à Amazônia

60 dias atrás meu texto teve o título "Dragagem no Amazonas: investimento milionário ou desperdício anunciado?". Naquela data, estimei que no dia 15/11/2026, aniversário da República, poderíamos constatar a efetividade da dragagem no rio Amazonas para a passagem da Foz do Rio Madeira e do Tabocal no trânsito de navios de cabotagem, que fazem o transporte de contêineres, com origem e destino Manaus.

Os dados ainda não estão públicos, mas tudo indica que a dragagem foi desnecessária. Ao que parece, os ganhos falam em 1m na navegação, mas não há evidências divulgadas. Espero que tenham a divulgação apropriada. Afinal, os gastos foram mais de R$ 90 milhões, o que não é pouco. Fala-se em fazer pesquisas para este trecho de rio e estima-se um custo de R$ 15 milhões para a Pesquisa Científica da área, para estudar e avaliar o melhor tipo de intervenção para o problema. Todavia, este outro recurso não existe.

Temos recurso para uma obra de efeito, minimamente, duvidoso, mas não temos recursos para investigar a real necessidade desta obra. As consequências sociais da seca são grandes e seus custos também. As circunstâncias que temos é a pouca atenção republicana com a Amazônia. Não se considera a Engenharia local, os cientistas locais ou as soluções locais. A impressão é que se prioriza a obra como resposta visível, sem a garantia de que resolva o problema. Até quando seguiremos neste ritmo?

A República que fez aniversário no dia 15/11 ainda não chegou por completo na Amazônia. Por vezes, a Amazônia parece tratada como uma região periférica, e não como prioridade de longo prazo. Dragar sem a certeza da efetividade atende à urgência, mas não garante a solução. A seca não foi tão severa e a hidrovia não foi fechada, graças às chuvas e ao nível do Rio. Graças às condições climáticas favoráveis. Pela Engenharia, ainda temos uma incerteza sobre o que fazer. A Pesquisa sana as incertezas. Como ela não é feita, a incerteza continua.

O provável é que no ano que vem tenhamos uma seca severa, por conta do El Niño, mas isso é apenas uma probabilidade. Não é uma certeza. E pesquisas são preciosas para estes momentos: quando não temos clareza sobre o que fazer. A Engenharia é ótima para executar o que se sabe. A dragagem, ao que tudo indica, foi desnecessária. A ver se o padrão de decisão modifica para o próximo ano.

Com isso, o compromisso de 60 dias atrás está fechado: a previsão se confirmou, a obra não é a dragagem. Até quando a República Federativa do Brasil seguirá, muitas vezes, a tratar a infraestrutura da Amazônia com mapas e soluções pensados para outras regiões? Precisamos fundar a República, onde os interesses regionais são privilegiados nos processos decisórios.

**é professor da Ufam*

ARTIGO



Willians Silva*

O verdadeiro autor da desordem moral contemporânea esquecida pelo ENEM

A polêmica em torno da questão 52 do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que validou como correta a interpretação de que o cristianismo é uma religião que conduz seus praticantes a uma "desordem moral" pode ser entendida como uma análise rasa em pleno período contemporâneo, quer dizer que: Não se sustenta. Ao extrair do século XIII (era da escuridão) um posicionamento institucionalizado da igreja da época fazendo uma generalização ontológica sobre a fé cristã, comete-se um grave equívoco metodológico e hermenêutico: Confunde-se o desvio histórico e circunstancial de uma época com a essência normativa de uma cosmovisão milenar. Mais do que um erro de leitura histórica, essa narrativa inverte os polos do problema ético e moral da atualidade. A verdadeira desordem moral da nossa época não brota do cristianismo, mas do relativismo subjetivista inaugurado pelo pensamento pós-moderno.

Filosoficamente, o equívoco começa quando se ignora o alerta formulado por Immanuel Kant em A Religião nos Limites da Simples Razão (1793). O pensador alemão demonstrou com rigor que a prática e os ritos, dogmas e fachadas eclesiásticas, a chamada "religião estatutária", não torna o ser humano moralmente melhor. O valor ético reside na integridade da intenção e na retidão da vontade, jamais na embalagem institucional, ou seja, é uma questão individual. Quando o clero de determinada época instrumentalizou o discurso sagrado para estigmatizar grupos ou legitimar estruturas de poder, o que ali se manifestou não foi a eficácia do princípio cristão, mas a valorização da "depravação total humana".

Teologicamente, o cristianismo autêntico não apenas rejeita essa distorção, como a combate desde a sua origem na figura de seu próprio fundador. Nos Evangelhos, Jesus de Nazaré não direcionou suas críticas mais severas aos céticos ou aos marginalizados, mas justamente à alta religiosidade institucionalizada expressa nos saduceus e fariseus. A contundente metáfora dos "sepulcros caiados" (Mateus 23:27) sela essa questão: lideranças que ostentam uma aparência exterior de pureza, piedade e rigor normativo, mas que escondem, em seu interior, a impureza do egoísmo, da hipocrisia, da perseguição e da injustiça. Ao postular que "todos pecaram e carecem da glória de Deus", a filosofia cristã estabelece que o agente falível é sempre o homem, nunca o ideal ético proposto por Cristo. Culpar o cristianismo pelos desvios de certos momentos históricos e de certos líderes é o equivalente lógico a invalidar a medicina pelo erro de um médico. É "matar o paciente e afirmar que a enfermidade foi curada". Não faz sentido.

Culturalmente, o contraste entre a solidez da tradição cristã e o diagnóstico do nosso tempo revela uma ironia profunda. Enquanto o cristianismo clássico fundamenta uma ordem moral objetiva ancorada na dignidade da pessoa humana, no amor sacrificial e na responsabilidade diante de um Criador que busca praticar a justiça. Por outro lado, o movimento pós-moderno promove a dissolução sistemática de todos os referenciais éticos e morais. Ao relativizar a verdade e reduzir os valores morais a meras construções subjetivas ou jogos de poder, destruindo as metanarrativas. A pós-modernidade inaugura um vácuo normativo onde tudo se torna líquido, utilitário e descartável. A desordem moral contemporânea é filha direta dessa emancipação sem freios, claramente oposta à disciplina espiritual e ao altruísmo proposto pelo Evangelho.

Por fim, para desmascarar de forma definitiva a tese sugerida pela questão 52 do ENEM, pode ser embasada pela notável convergência entre a escolástica de Tomás de Aquino e a teologia sistemática reformada quanto ao perfil do cristão: Em ambas vertentes, a vida moral repousa sobre uma aliança sólida entre a revelação e a razão, nas quais tornam-se necessárias para boa interpretação e consequente prática cristã. Por outro lado, o movimento pós-moderno abdica da razão normativa para entregar o indivíduo ao governo tirânico das paixões e da subjetividade absoluta, elevando o desejo imediato e emotivo à condição de determinantes da conduta. É exatamente essa entrega irracional às paixões que constitui a verdadeira matriz de toda distorção moral contemporânea.

**doutorando em gestão de inovação do PPGBIOTEC/UFAM*

ARTIGO



Flávio Guimarães*

RH estratégico: o passivo que a gestão de pessoas ainda não aprendeu a medir

A história da administração é uma sucessão de ajustes na forma de lidar com pessoas. Cada novo ciclo de prosperidade trouxe a mesma descoberta, sempre apresentada como novidade: pessoas precisam ser tratadas como pessoas para produzir com consistência e gerar rentabilidade sustentável. O paradoxo é que, quanto mais avançamos cientificamente, mais nos afastamos do humano —e costumamos justificar esse afastamento como "o preço do progresso". É um engano caro. O progresso existe precisamente para aperfeiçoar nossa condição de seres racionais, não para nos dispensar dela.

Nas organizações, esse novo momento já se desenha. Consultorias são procuradas para transformar o antigo departamento de pessoal em uma área efetivamente estratégica —ou para separar, dentro dele, a função operacional da função estratégica, terceirizando a primeira. Nunca se terceirizou tanto no Brasil quanto agora. E há uma razão técnica para isso, não apenas modismo: a operação de RH é repetitiva, mensurável e padronizável. A estratégia, não. Misturar as duas é o erro que mantém o setor refém do cotidiano.

Aqui, a engenharia de processos oferece a metáfora mais precisa. Nenhuma linha de produção melhora seu resultado apenas apagando incêndios com mais eficiência. Melhora quando alguém redesenha o fluxo. O RH vive hoje o dilema de quem opera um processo saturado: quanto mais competente na execução do que já existe, menos tempo sobra para questionar se aquilo deveria existir daquela forma. Sem folga estrutural, não há projeto. Sem projeto, não há progresso —apenas manutenção.

E é neste ponto que o Direito deixa de ser assunto de outra sala. Cada decisão de gestão de pessoas é, na prática, uma decisão jurídica antecipada. Contratação mal documentada, integração improvisada, treinamento não registrado, avaliação de desempenho sem critério objetivo, promoção por afinidade e não por mérito —tudo isso circula hoje como "rotina de RH" e retorna amanhã como passivo trabalhista, autuação ou disputa judicial. O gestor que enxerga apenas o custo da folha não enxerga o custo da desorganização. O passivo não aparece no organograma, mas aparece no balanço.

Quando o RH pensa estrategicamente, o efeito é sistêmico. Contratações aderentes ao perfil real da função. Integrações que reduzem rotatividade precoce. Treinamentos que documentam desenvolvimento e sustentam defesa institucional. Avaliações com critério, critério com registro, registro com consequência. Reciclagens e promoções que se explicam por si. O resultado não é apenas uma empresa mais rentável: é uma empresa menos exposta. Rentabilidade e segurança jurídica, nesse arranjo, não competem — se reforçam.

Resta o amadurecimento que ainda falta, e ele é bilateral. A empresa precisa enxergar o trabalhador como participante do resultado, não como insumo. O trabalhador precisa enxergar a empresa como projeto coletivo, não como contraparte. Enquanto essa leitura for assimétrica, qualquer avanço será frágil. Harmonia entre capital e trabalho não é retórica de discurso motivacional: é condição operacional para que ambos sobrevivam com dignidade.

As organizações com visão de futuro já entenderam. As demais ainda discutem se podem se dar ao luxo de mudar. Não é luxo —é cálculo. E o cálculo, hoje, é simples: quem profissionaliza a gestão de pessoas reduz custo oculto, reduz risco jurídico e libera tempo para o que efetivamente gera valor. Quem não o faz, financia o próprio passivo sem saber.

E você, gestor: sua empresa sabe quanto custa o RH que ela, às vezes, insiste em manter apenas operacional?

**é mestre pela UFPA, diretor de Educação da ABRH e coordenador dos cursos tecnológicos e da pós-graduação da Faculdade Estácio do Amazonas.*

ARTIGO



Thomaz Meirelles*

É justo viver isolado com R$ 5,22 por dia? É essa a bioeconomia dos ambientalistas?

Segundo informações divulgadas pela ASPROC, o projeto Juruá Sustentável e Solidário movimentou R$ 341.086,85 na aquisição de mais de 66 toneladas de murumuru, ucuúba e andiroba, envolvendo 179 extrativistas de 43 comunidades de Carauari e Itamarati, no Amazonas, em 2026.

Fiz uma conta simples para mostrar quanto esse valor representa, em média, para quem está na ponta, retirando da floresta a matéria-prima comercializada.

Considerando, para efeito de cálculo, que cada um dos 179 extrativistas represente uma família e que o valor tenha sido integralmente pago a eles, temos:

- Valor total movimentado: R$ 341.086,85
- Número de extrativistas: 179
- Média por família no ano: R$ 1.905,51
- Média mensal por família: R$ 158,79
- Média diária por família: R$ 5,22

Ou seja, dividindo o valor total igualmente entre os 179 extrativistas e distribuindo essa quantia pelos 365 dias do ano, chegamos a apenas R$ 5,22 por dia, por família!

É importante esclarecer que essa é uma média matemática, não o valor efetivamente recebido por cada família. A produção e os pagamentos podem variar entre os extrativistas. Também não significa que essa seja a única fonte de renda dessas famílias.

Defendo a valorização da floresta em pé, mas considero fundamental avaliar quanto dessas iniciativas efetivamente chega ao bolso de quem trabalha no interior.

A pergunta que deixo é: esse valor é justo? É essa a bioeconomia que queremos?

É esse resultado que precisamos conhecer para avaliar o impacto econômico e social do projeto na vida dos extrativistas.

Conheço o trabalho da ASPROC, inclusive cito como exemplo por onde passo. Contudo, não acho justo o valor que o extrativista vem recebendo. Os bilhões que vem de outros países em nome da agenda ambiental precisa chegar no bolso desses extrativistas. Na minha opinião, está ficando pelo meio do caminho.

**é servidor público federal, administrador, especialização na gestão da informação ao agronegócio – thomaz.meirelles@hotmail.com*

ARTIGO



Carlos Silva*

Saudades do meu Brasil

No meu tempo, ou no meu início de vida, cresci assistindo um desenho animado, em preto e branco, de origem japonesa, chamado O Oitavo Homem, no qual o herói ganhava superpoderes ao fumar um cigarro!!! E, no rádio, havia um noticiário sobre crimes urbanos e o radialista, em dados momentos, dizia: "...e o assaltante era, com licença da má palavra, um crioulleba...". Os programas humorísticos sempre tinham como mote, bichas, crioulos e todas as, hoje, consideradas minorias. Anos depois, assistia o programa Sai de Baixo, cujo mote era contra os pobres. No meu tempo, pirraça de criança na rua se curava com uns tabefes e pronto. TDH e outros sintomas atuais eram resolvidos na tapa, e sem frescura. Naquele tempo, se construíram as estradas que nos trazem para a Amazônia, brincávamos na rua e na chuva. A floresta era mantida no seu lugar, a menos quando estava no caminho do progresso. Fico imaginando um programa de piadas do Costinha, Chico Anísio, Casseta e Planeta, Fogo no Rabo nos dias insuportáveis de hoje. No meu tempo, curtíamos, sem preconceito algum, Clóvis Bornay, Roberta Close, Lafond, Clodovil e inúmeros outros profissionais de excelência. E naquele tempo, sabíamos de verdade o que era liberdade de expressão. Ah, o regime perseguia quem o criticava? E hoje em dia, é diferente? Desde a inserção de ideias, ao final dos anos 80, de Direitos Humanos e Meio Ambiente, muita coisa mudou no meu Brasil. Algumas para melhor, outras para pior. Cresci aprendendo a defender meus direitos, com argumentos. Eu aprendi, vendo e vivendo, que toda forma de preconceitos é pura estupidez, sem necessitar de leis que me obriguem a aceitar. Hoje em dia, se rotula como "politicamente correto" tudo contra as ideias criadas pelos mesmos rotulistas. A impressão é que se emprega a máxima estratégica-militar da Antiguidade: dividir para vencer! Cotas, termos como feminicídio, tudo contra quem é contra orientações sexuais diferentes das suas, se é de esquerda, direita, extrema-esquerda, extrema-direita etc e etc e etc. Ou seja, estamos divididos. Apenas um evento pode nos unir, de novo: uma guerra! É complicado, violento, sanguinário, mas foi assim que nascemos: em guerra! Lembra dos irmãos espermatozoides que morreram na disputa, contra nós, para chegar ao útero? Chorou por eles? Então, a violência faz parte da nossa essência, sim! Concordando ou não, está no nosso DNA. Então, repito, sinto saudades do meu Brasil. Daquele Brasil que me formou e de onde consegui formar gerações consequentes, tudo com princípios e valores imutáveis, que levarei para o túmulo, com a graça de Deus. E a vida segue, meu amado país, e com a certeza plena: tudo passa!

**é professor e coronel do Exército, na reserva, serviu mais de 15 anos na Amazônia*